



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



O uso de ferramentas participativas: contando histórias, revelando saberes, plantando sonhos

The use of participatory tools: telling stories, revealing knowledge, planting dreams

TEIXEIRA, Cecília Tayse Muniz; BOESSIO, Amábile Tolio; MARQUES, Laila Garcia; VIEIRA, Lucas Moretz-Sohn David; DIESEL, Vivien

Universidade Federal de Santa Maria, taysemuniz@hotmail.com; Universidade Federal de Santa Maria, amabletolio@hotmail.com; Universidade Federal de Santa, lailagarciamarque@gmail.com; Universidade Federal de Santa, lucasmdvieira@gmail.com; Universidade Federal de Santa, viviendiesel@yahoo.com.br

Tema gerador: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo

O relato tem por objetivo analisar e refletir sobre o uso das metodologias participativas na Comunidade Quilombola Júlio Borges, localizada em Salto do Jacuí – RS, em especial a ferramenta do Diagnóstico Rural Participativo (DRP), o “mapa falado”, que permitiu discutir aspectos da realidade de forma ampla. Para tal, utilizamos da pesquisa bibliográfica, visita a campo e atividade integrativa com as famílias quilombolas. Realizamos três mapas falados com foco nas ocupações das famílias, 1) referente ao passado com as famílias mais idosas, 2) ao presente com famílias de diversas idades, 3) referente ao futuro com os jovens da comunidade. Observamos como o uso da ferramenta possibilita um desenho da realidade feito pelas mãos das próprias famílias e como é capaz de revelar componentes da realidade da comunidade.

Palavras-chave: Metodologia participativa; Comunidade quilombola; Ocupações.

Abstract

The report aims to analyze and reflect about the use of participatory methodologies in the Quilombola Community Júlio Borges, localized in the Salto do Jacuí - RS, especially the tool of Participative Rural Diagnosis (DRP), the “spoken map”, that made possible to discuss aspects of reality in a broadly way. For this, we use bibliographical research, field visit and integrative activity with quilombola families. We made three spoken maps with focus on the occupations of the families: 1) referring to the past with the older families, 2) to the present with families of different ages, 3) referring to the future of the youth of the community. We observed how to use of the tool allows a drawing of reality made by the hands of the own families and how it is able to reveal components of the reality of the community.

Keywords: Participatory Methodology. Quilombola Community. Occupations.

Contexto

O presente trabalho se propõe a contribuir com discussões preliminares sobre as ferramentas participativas utilizadas em um contexto marcado pela interculturalidade. Entende-se, portanto, que essas reflexões podem contribuir para a agroecologia, no sentido de qualificar as ferramentas participativas nesses contextos.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



A presente experiência foi construída na Comunidade Quilombola Júlio Borges localizada cerca de 20 km da sede do município de Salto do Jacuí – RS, que juntamente com mais onze municípios, constitui a região Centro Serra Sul Rio-grandense, sendo denominado como a capital da pedra ágata. Banhado pelas águas do Rio Jacuí, o Território Quilombola Júlio Borges carrega em suas memórias históricas, marcas de expropriação de terra e escravidão, guardam retratos de um modo de vida traçado pela trajetória itinerante das famílias agricultoras que ali residem.

Na comunidade quilombola, onde antes sediou uma antiga fazenda, na qual carrega até os dias atuais o nome do ex-proprietário, Júlio Borges, hoje vivem 34 famílias, as quais compõe a Associação Quilombola Júlio Borges, tendo como presidenta a agricultora e moradora Dona Elisa (optamos por utilizar um nome fictício para preservar a identidade).

Além da associação como um espaço de organização social comunitária, a Comunidade Quilombola Júlio Borges conta também com um grupo de jovens, composto por 13 jovens mulheres. Nesse contexto, nem todas as famílias residem permanentemente na comunidade quilombola, uma vez que uma minoria sai para outras regiões à procura de trabalho. Em geral, as famílias seguem para municípios da região Centro Serra, da Serra Gaúcha e da região metropolitana de Porto Alegre.

As famílias exercem funções desde atividades agrícolas em produção de uvas, soja, hortifrutigranjeiro, até atividades não agrícolas (restaurantes, indústrias, construção civil). Estas famílias buscam uma complementação da renda. No caso dos quilombolas, este processo também está ligado à negação de acesso a terra para produção. Isto compromete a permanência das famílias da comunidade no campo.

Com efeito, as famílias que permanecem integralmente na comunidade, desenvolvem diversas atividades agrícolas e não agrícolas, cultivam culturas para o autoconsumo familiar, preparam a terra, plantam e colhem feijão, amendoim, batata, mandioca, milho, hortaliças, frutas, e plantas medicinais, somado ao consórcio com essas atividades, trabalham com criação de pequenos animais, como porcos e galinhas. Sendo esta segunda atividade também destinada para o autoconsumo, uma vez que, raramente, quando há excedente é que são destinados para comercialização.

No entanto, a busca por geração de renda na comunidade se dá a partir de atividades, como: cultivo de soja, fumo, e na extração e venda da pedra ágata. Algumas dessas atividades são desenvolvidas na própria comunidade e, em outros momentos são desenvolvidos em lavouras e pedreiras de terceiros, nas redondezas, o que se caracteriza como lavoura em susse (divisão da produção, gastos e lucros entre proprietário



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



e empregado). Outra característica de geração de renda bastante relevante, são as atividades ligadas ao artesanato, como corte-costura, crochê, bordado entre outras, além dos beneficiamentos de alimentos, como doces, pães, e bolos.

Dessa forma, frente às memórias de exclusão, as famílias da Comunidade Quilombola Júlio Borges buscam hoje toda essa pluriatividade expressada como forma de resistência e permanência no campo.

Descrição da Experiência

Com intuito de revelar de forma dinâmica a riqueza dos significados da realidade da comunidade quilombola optamos por utilizar de maneira adaptada as seguintes ferramentas: Diagnóstico Rural Participativo (DRP), o mapa falado a partir do carrossel. Os mapas denominados “mapa das ocupações”, foram divididos em presente, passado e futuro. Esta divisão propôs o resgate da história das antigas ocupações, dos trabalhos que existiam ali, quem eram essas pessoas que desempenhavam as atividades agrícolas e não agrícolas, e onde tais atividades eram realizadas.

Para a realização do mapa das ocupações do passado, participaram as pessoas mais idosas da comunidade, no segundo mapa referente ao presente, participaram pessoas de meia idade. O mapa do presente apresentou as principais ocupações existentes e suas respectivas localidades. Por fim, o mapa do futuro foi constituído pelo grupo de jovens. Este último revelou os planos e ocupações futuras, que os jovens planejam desenvolver em suas vidas e, em especial na própria comunidade quilombola, bem como suas futuras formações profissionais almejadas.

Os mapas do passado e presente já estavam construídos (foram utilizados mapas cartográficos – imagem impressa), sendo um mapa impresso apenas para preenchimento com tarjetas (post it), no caso do mapa passado, os idosos identificavam de onde maior parte das famílias tinha vindo até chegar à localidade da Comunidade Júlio Borges; além de descreverem quais atividades agrícolas os seus antepassados desenvolviam. Da mesma forma, o mapa do presente foi construído com tarjetas (post it), identificando as localidades onde hoje se desenvolvem as atividades agrícolas e não agrícolas a exemplo dos quintais produtivos de base agroecológica, roças consorciadas e sítios, como também as atividades desenvolvidas fora da comunidade até uma abrangência territorial e ainda, estadual.

No caso do mapa futuro, as jovens desenharam à mão livre, pintaram e coloriram com pinceis, e lápis de cor, símbolos, desenhos e representações gráficas apresentando a realidade de como se veem no futuro, e quais profissões almejam, além dos anseios



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



de como pensam em permanecer na comunidade e que tipo de atividades agrícolas e não agrícolas pretendem desenvolver. Neste mapa do futuro, as jovens puderam projetar suas ambições profissionais e seus desejos, pois puderam deixar explícito aquilo que não mais querem ver na Comunidade, bem como tudo aquilo que elas sonham que esteja presente auxiliando em uma melhoria na vida das famílias residentes.

Em rodadas de 15 minutos, fazíamos um rodízio em formato de carrossel, o que possibilitava a troca dos grupos entre os mapas; essa movimentação oportunizava uma complementação de cada mapa no processo do fazer e desenvolver da ferramenta metodológica. Sentimos uma grande importância nesse movimentar, pois possibilitou um contato das diferentes gerações com as opiniões, anseios e visões de cada grupo para com o outro.

Para socialização de todos os mapas, cada grupo elegeu dois representantes com intuito de apresentar a construção da ferramenta, em seguida deixamos um espaço aberto para intervenções e complementações, é importante destacar que o mapa do passado teve um maior número de complementações, sempre surgia uma lembrança de outra atividade que algum familiar desenvolvia. Contudo, essas memórias, são na sua maioria, trazidas com um sentimento de sofrimento e sob uma condição subalterna; outro fator relevante é a percepção dos quilombolas mais velhos olhando para todo o caminho, reconhecendo o quanto mudou para melhor e a importância do resgate dos saberes tradicionais para os jovens da comunidade.

Por sua vez, o uso desse método apresenta um caráter interativo, consiste em representar aspectos e dimensões de espaço e tempo da e na comunidade; se destacando pela capacidade de tecer sonhos dos diversos grupos como: das mulheres, homens, jovens e os idosos quilombolas nos seus espaços de produção, lugar de vida e reprodução social, bem como expressam as tendências para o cenário futuro.

Segundo Faria e Neto (2006), o mapa como modelo de ferramenta, se expressa em um desenho representativo do espaço onde as famílias vivem podendo abranger até o território, ou seja, o local torna-se objeto de reflexão. Dessa forma, a representação simbólica da realidade vivenciada pelas famílias, se concebe nessa ferramenta dialógica representada em três diagramas visuais e interativos, capazes de captar e representar a complexidade da realidade em torno das dimensões já citadas, como também em mais duas, sendo estas de fluxo e relações que ali permeiam (FARIA; NETO, 2006).



Figura 1: Construção do mapa das ocupações.

Fonte: Arquivo de trabalho de campo.



Figura 2: Construção do mapa das ocupações.

Fonte: Arquivo de trabalho de campo.

Nesse sentido, no momento em que fizemos uso de metodologias participativas, também abrimos portas para outra técnica de aplicação de exercícios considerados sociais, em outras palavras, podemos definir como atividade lúdica, com o incremento de músicas, dança, imagens em vídeo, poesia e arte. Todos esses recursos estão presentes em parte do método utilizado nos DRPs, na construção de uma interatividade, visto que a chave para facilitar a participação é o estabelecimento das boas relações (CHAMBERS, 1992).

Análises

A construção e o resgate dos saberes dos povos tradicionais, em especial o povo quilombola, tende a refletir o aprendizado que a comunidade em especial acumulou nas suas relações sociais e com a natureza que dialoga com a construção do conhecimento agroecológico; que segundo Cotrim (2015) passa pelo caminho da construção desses saberes tradicionais, configurando-se em um processo de acúmulo do saber



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



edificado no tempo pelos comunitários, no caso aqui, as famílias quilombolas. Assim, abarca a totalidade das dinâmicas sociais passando pela prática produtiva em especial os quintais agroecológicos até os arranjos sociais.

O uso das metodologias participativas permite que as famílias olhem para o seu local, como lugar de produção e espaço de vida, compartilhando e analisando seus conhecimentos sobre a realidade, com o objetivo de planejar e atuar nesta realidade, ou seja, deixando de ser somente como informantes e passando a ser protagonista. Sendo informantes ativos, agentes de ações coletivas, fomentada por meio do diálogo e da reflexão. Portanto, as ferramentas utilizadas em pesquisas qualitativas e nas metodologias participativas, são bons instrumentos de codificação e decodificação da realidade, pois permitem apresentar - além de proporcionar - um grande potencial de mediação do debate em torno de uma situação específica, especialmente porque é construída através de um diálogo, como nesse caso, entre as pesquisadoras e a Comunidade Quilombola Júlio Borges (GUTIÉRREZ, 2010)

Não é sem razão, que todo o processo participativo necessita, além de ferramentas adequadas, uma consistente reflexão sobre sua concepção metodológica. De tal maneira, a partir das técnicas e ferramentas aplicadas aqui, emergiram estratégias capazes de promover a participação dos sujeitos envolvidos. Ressaltamos o enorme desafio intrínseco no processo de construção do procedimento, e o sustento de uma postura investigativa capaz de promover uma efetiva participação da comunidade. Nesse relato, pudemos perceber que o uso de ferramentas participativas é capaz de construir processos de diálogos, auxiliando a construção do conhecimento, de relações sociais mais harmônicas trazendo implícita a compreensão de que este é também o caminho da formação de cidadãos e cidadãs mais participativos, mais reflexivos e, portanto, mais ativos diante da realidade (FARIA; NETO, 2006).

Referências bibliográficas

CHAMBERS, R. Participatory Rural Appraisals: past, present and future. Forests, Trees and People Newsletter, Roma: FAO, n. 15/16, p. 4-9, fev. 1992

COTRIM, D. S. Construção do Conhecimento Agroecológico: Problematizando o processo. Revista Brasileira de Agroecologia Rev. Bras. de Agroecologia. IISSN:1 980-9735. Aceito para publicação em: 24/09/2015

FARIA, A. A. C.; NETO, P. F. **Ferramenta de diálogo – qualificando o uso das técnicas do DRP: diagnóstico rural participativo**. 2. ed. Brasília: MMA/IEB, 2006.

GUTIÉRREZ, Hernando Vaca. Codificação/Decodificação. In: STRECK, Danilo (orgs). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2010